

Berlin, Isaiah, Sir, 1909-  
B441p Pensadores russos / Isaiah Berlin : Henry Hardy  
e Aileen Kelly, org. ; com uma introdução de Aileen  
Kelly ; tradutor Carlos Eugênio Marcondes de Moura.  
— São Paulo : Companhia das Letras, 1988.  
ISBN 85-85095-95-4  
1. Intelectuais - União Soviética - Biografia 2.  
2. União Soviética - Vida intelectual - 1801-1917 I.  
Hardy, Henry. II. Kelly, Aileen. III. Título.  
88-1150 CDD-947.07  
-921.7

Índices para catálogo sistemático:  
1. Intelectuais russos : Biografia 921.7  
2. Pensadores russos : Biografia 921.7  
3. União Soviética : Vida intelectual, 1801-1917 947.07

Copyright © Isaiah Berlin, 1948, 1951, 1953, 1955, 1956, 1960, 1961, 1972, 1978

“Herzen e Bakunin a respeito da liberdade individual”

© President and Fellows of Harvard College, 1955

Esta seleção e o aparato editorial

© Henry Hardy, 1978

Introdução © Aileen Kelly

*Proibida a venda em Portugal*

Título original:

*Russian Thinkers*

Capa:

*João Baptista da Costa Aguiar*

Revisão da tradução:

*Denise Bottmann*

Índice remissivo:

*Elisa Braga*

a partir de índice organizado por

Patricia Utechin

Revisão de provas:

*Otacílio Nunes Jr.*

*Eliana Antonioli*

1988

Editora Schwarcz Ltda.

Rua Túpi, 522

01233 — São Paulo — SP

Fones: (011) 825-5286 e 825-6498

populismo à prática revolucionária — na hierarquia do poder político centralizado que os populistas haviam corajosa e constantemente denunciado até serem finalmente proscritos e aniquilados, sob a forma do Partido Socialista Revolucionário. A prática comunista deveu muito ao movimento populista, como Lenin esteve sempre disposto a reconhecer, pois recorreu à técnica de seu rival, adaptando-a com evidente sucesso para servir àquele exato objetivo contra o qual ela fora inventada.

## TOLSTOI E O ILUMINISMO

“Sempre se diz duas coisas a respeito do conde Tolstói”, escreveu o conhecido crítico russo Mikhailovski, num ensaio hoje esquecido, publicado em meados de 1870: “é um escritor de ficção extremamente bom e mau pensador. Isto [...] tornou-se uma espécie de axioma que dispensa demonstrações”. Tal veredicto, quase universal, resistiu por quase cem anos praticamente incontestado, e a tentativa de Mikhailovski de questioná-lo permaneceu relativamente isolada. Tolstói menosprezou seu aliado de esquerda, considerando-o um escritor de encomenda liberal comum, e manifestou-se surpreso que alguém pudesse se interessar por ele. Era uma atitude que bem o caracterizava, mas injusta. O ensaio, denominado pelo autor *A Mão Direita e a Mão Esquerda de Liev Tolstói* é uma brilhante e convincente defesa do romancista no plano intelectual e moral, dirigida sobretudo contra os liberais e socialistas, que enxergavam um obscurantismo contumaz e artificial nas doutrinas éticas do romancista, particularmente na sua glorificação dos camponeses e do instinto natural, e em seu constante desprezo pela cultura científica, assim desacreditando a causa liberal e fazendo o jogo dos padres e dos reacionários. Mikhailovski rejeitou essa visão e, ao longo de sua extensa e cuidadosa tentativa de separar o trigo esclarecido do joio reacionário nas opiniões de Tolstói, chegou à conclusão de que havia um conflito irresolvido e inconfesso nas concepções do grande romancista, no que se referia à natureza humana e aos problemas que a Rússia e a civilização ocidental enfrentavam. Mikhailovski sustentava que, longe de ser um “mau pensador”, Tolstói era tão perspicaz, clarividente e convincente, ao analisar as idéias quanto ao abordar os instintos, caracteres e ações. Mikhailovski às vezes vai longe demais, no zelo que demonstra por sua tese paradoxal, que certamente o era na época em que a escreveu. Em essência, porém, ela me parece correta ou, de qualquer modo, mais correta do que errada, e minhas próprias observações não passam de um comentário extenso sobre ela.

As opiniões de Tolstói são sempre subjetivas e podem ser descontroladamente intratáveis quando, por exemplo, ele escreve sobre Shakespeare, Dante ou Wagner. Mas as questões a que tenta responder em seus ensaios extremamente didáticos são quase sempre questões fundamentais de princípio, sempre de primeira mão, e vão muito mais além, na forma propositalmente simplificada e despojada com que ele costuma apresentá-las, do que as de pensadores mais equilibrados e “objetivos”. A visão direta sempre tende a ser perturbadora. Tolstói usou esse dom ao máximo para destruir tanto a sua paz como a dos seus leitores. Foi esse hábito de formular perguntas exageradamente simples, mas fundamentais, para as quais não tinha resposta, pelo menos nas décadas de 1860 e 1870, que lhe conferiu a fama de “nihilista”. Mas certamente ele não sentia o menor desejo de destruir só pelo prazer da destruição. Apenas queria, mais do que tudo no mundo, conhecer a verdade. O quanto essa paixão pode ser aniquiladora, mostram-nos outros que escolheram transpor os limites impostos pela sabedoria de sua respectiva geração: Maquiavel, Pascal, Rousseau, o autor do Livro de Jó. Como eles, Tolstói não pode ser encaixado em nenhum dos movimentos públicos de sua ou de qualquer outra época. O único grupo a que Tolstói pertence é o subversivo dos questionadores, aos quais não se deu, e provavelmente não se dará, nenhuma resposta — pelo menos nenhuma resposta que eles ou os que os compreendem se disponham a aceitar.

Quanto às idéias positivas de Tolstói — e variaram menos durante sua longa vida do que às vezes se imagina —, não são absolutamente exclusivas: apresentam algo em comum com o Iluminismo francês do século XVIII, algo com as do século XX, e pouco com as de sua própria época. Na Rússia, ele não pertenceu a nenhuma das grandes correntes ideológicas que dividiam a opinião culta do país durante sua juventude. Não era um intelectual radical, com os olhos voltados para o Ocidente, nem um eslavófilo, vale dizer, um adepto da monarquia cristã e nacionalista. Suas opiniões iam além dessas categorias. A exemplo dos radicais, ele sempre condenou a repressão política, a violência arbitrária, a exploração econômica e tudo o que cria e perpetua a desigualdade entre os homens. Desde muito cedo, Tolstói rejeitou terminantemente o restante da postura “ocidentalizante”, o núcleo da ideologia da intelligentsia, o famoso amálgama composto por um extremo senso de responsabilidade cívica, a crença na ciência natural como porta para toda a verdade, a reforma social e política, a democracia, o progresso material e o secularismo. Acreditava na liberdade individual e também no progresso, mas num curioso sentido pessoal. Via com desprezo os liberais e socialistas, e com uma aversão ainda maior os partidos de esquerda de sua época. Sua afinidade mais estreita, como tem sido freqüentemente observado, se dá com Rousseau. Apreciava e admirava suas concepções, mais do que as de qualquer outro escritor moderno. Como Rousseau, ele rejeitava a doutrina do pecado original, acreditava que o homem nas-

cera inocente e fora estragado por suas próprias instituições perniciosas, sobretudo por aquilo que passava por educação aos olhos dos homens civilizados. Também como Rousseau, punha a culpa desse processo de decadência sobretudo nos intelectuais, as elites automeadas de especialistas, as igrejinhas artificiais distanciadas da humanidade comum e afastadas da vida natural. Esses homens estão condenados, pois perderam o mais precioso de todos os bens humanos, isto é, a capacidade com que nascem todos os homens de enxergar a verdade, a verdade eterna e imutável, que apenas os charlatães e sofistas representam como algo variável em diferentes circunstâncias, épocas e lugares, a verdade que só é plenamente visível aos olhos inocentes daqueles cujos corações não foram corrompidos — crianças, camponeses, aqueles a quem a vaidade e o orgulho não cegaram, os simples, os bons. A educação, conforme o Ocidente a entende, estraga a inocência. É por isso que as crianças resistem a ela instintiva e encarniçadamente; é por isso que precisa ser enfiada por suas gargantas abaixo, e, como toda coerção e violência, ela mutila a vítima e às vezes destrói-a irremediavelmente. Os homens, por natureza, anseiam pela verdade, portanto, a verdadeira educação deve ser tal que as crianças e as pessoas simples e ignorantes absorvam-na pronta e avidamente. No entanto, para compreender isso e descobrir como aplicar tal conhecimento, os instruídos devem pôr de lado sua arrogância intelectual e começar tudo de novo. Devem esvaziar suas mentes de teorias, de falsas analogias de aparência científica entre o mundo dos homens e o mundo dos animais, o dos homens e o das coisas inanimadas. Só então serão capazes de restabelecer uma relação pessoal com os incultos, relação que só a humanidade e o amor poderão levar a cabo.

Na época moderna, apenas Rousseau e talvez Dickens parecem-lhe ter percebido isso. Certamente a condição do povo nunca melhorará até que não só a burocracia czarista, mas os “progressistas”, como Tolstói os denominava, a intelligentsia vaidosa e doutrinária, forem “arrancados do pescoço do povo”, do povo comum e das crianças. Enquanto os teóricos fanáticos estragarem a educação, pouco poderá se esperar. Mesmo o antiquado padre de aldeia, afirma Tolstói num de seus primeiros folhetos, era menos nocivo. Sabia pouco, era desajeitado, preguiçoso e obtuso, mas tratava seus alunos como seres humanos, não como os cientistas tratam os espécimes num laboratório. Ele fazia o que podia. Muitas vezes era corrupto, injusto, tinha mau gênio, mas tratava-se de vícios humanos, “naturais”, e portanto seus efeitos, ao contrário dos mestres modernos fabricados em série, não infligiam danos permanentes.

Sendo portador de semelhantes idéias, não surpreende que Tolstói se sentisse pessoalmente mais feliz na companhia dos reacionários eslavófilos. Rejeitava suas idéias, mas, pelo menos, lhe pareciam ter algum contato com a realidade: a terra, os camponeses, os modos tradicionais de vida. Eles, pelo menos, acreditavam no primado dos valores espirituais e na futilidade de tentar modi-

ficar os homens, mudando os aspectos mais superficiais de suas vidas por meio de uma reforma política ou constitucional. Mas os eslavófilos também acreditavam na Igreja Ortodoxa, no destino histórico único do povo russo, na sacralidade da história como um processo divinamente ordenado e, portanto, na justificativa de muitos absurdos por serem autóctones, antigos e, assim sendo, instrumentos da tática divina. Viviam em fé cristã no grande corpo místico, ao mesmo tempo comunidade e igreja, composto pela geração dos fiéis do passado, do presente e da que ainda estava para nascer. Se, no plano intelectual, Tolstoi negava isso, no plano do temperamento respondia intensamente. Compreendia bem apenas a nobreza e os camponeses, e mais a ela do que aos segundos. Compartilhava de muitas das crenças instintivas de seus vizinhos rurais; como eles, sentia uma aversão natural por todas as formas de liberalismo de classe média. A burguesia mal aparece em seus romances. Sua atitude frente à democracia parlamentar, os direitos das mulheres, o sufrágio universal, não era muito diferente da de Cobbett, Carlyle, Proudhon ou D. H. Lawrence. Compartilhava profundamente as desconfianças dos eslavófilos em relação a todas as generalizações científicas e teóricas enquanto tal, e isso criava uma ponte que tornava agradáveis as relações pessoais com os eslavófilos de Moscou. Seu intelecto, porém, não se harmonizava com suas convicções instintivas. Enquanto pensador, tinha profundas afinidades com os *philosophes* do século XVIII. A exemplo deles, encarava o estado patriarcal e a Igreja russa, que os eslavófilos defendiam, como conjurações organizadas e hipócritas. Como os grandes pensadores do Iluminismo, procurava os valores não na história, nem na missão sagrada das nações, culturas ou igrejas, mas na experiência pessoal do indivíduo. Também como eles, acreditava em verdades e valores eternos e não em sua evolução histórica e rejeitava terminantemente o conceito romântico de raça, nação ou cultura como agentes criativos, e ainda mais a concepção hegeliana da história como a auto-realização de uma razão auto-aperfeiçoadora, encarnada nos homens, movimentos ou instituições. Tais idéias haviam influenciado profundamente sua geração e, durante toda sua vida, ele as considerou uma insensatez metafísica e nebulosa.

Esse realismo claro, frio, intransigente é absolutamente explícito nas notas, diários e cartas de sua juventude. As recordações dos que o conheceram menino ou estudante da Universidade de Kazan reforçam essa impressão. Seu caráter era profundamente conservador, com traços de capricho e irracionalidade, mas sua mente permanecia calma, lógica e constante; seguia o raciocínio com facilidade e destemor para qualquer extremo a que ele o levasse numa combinação de qualidades tipicamente russa, às vezes fatal. Ele rejeitava tudo o que não satisfizesse seu senso crítico. Saiu da Universidade de Kazan por decidir que os professores eram incompetentes e tratavam de questões banais. Como Helvétius e seus amigos da metade do século XVIII, Tolstoi denunciava

a teologia, a história, o ensino de línguas mortas, todo o currículo clássico, como um acúmulo de dados e regras que nenhum homem sensato gostaria de aprender. A história o irritava particularmente, vendo nela uma tentativa sistemática de responder a questões inexistentes, enquanto os problemas reais eram cuidadosamente deixados de lado: "a história é como um surdo que responde a perguntas que ninguém lhe faz", declarou a um perplexo colega de estudos, quando os dois estavam trancados na prisão da universidade, devido a um gesto qualquer de insubordinação. A primeira exposição ampla de sua posição "ideológica" integral deu-se na década de 1860. A oportunidade foi-lhe dada por sua decisão de compor um tratado sobre a educação. Aí se demonstraram todo seu vigor intelectual e todos seus preconceitos.

Em 1860 Tolstoi, então com 32 anos de idade, encontrava-se numa de suas crises morais periódicas. Havia adquirido alguma fama como escritor: *Sebastopol, Infância, Adolescência e Juventude*, dois ou três contos mais curtos tinham recebido elogios dos críticos. Mantinha relações de amizade com alguns dos mais dotados de uma geração de escritores excepcionalmente talentosos de seu país — Turgueniev, Nekrassov, Gontcharov, Panaiev, Pissemski e Fet. Seus textos surpreenderam a todos pelo frescor, perspicácia, maravilhoso poder descritivo, precisão e originalidade de suas imagens. Algumas vezes, seu estilo foi criticado como canhestro e até bárbaro, mas era inquestionavelmente o mais promissor dos jovens escritores em prosa. Tinha futuro e, no entanto, seus amigos literários tinham reservas a seu respeito. Frequentava os salões literários, tanto da direita como da esquerda (as divisões políticas sempre existiram e se tornavam mais agudas em São Petersburgo e Moscou), mas não parecia sentir-se à vontade em nenhum deles. Era ousado, imaginativo, independente, mas não era um homem de letras. Não estava fundamentalmente preocupado com problemas de literatura e escrita, e muito menos com escritores. Chegara de outro mundo, menos intelectual, mais aristocrático e primitivo. Era um dilettante bem-nascido, mas não havia novidade nisso. A poesia de Puchkin e de seus contemporâneos, sem par na história da literatura russa, fora criada por amadores de gênio. Não era sua origem, mas sua indiferença ostensiva à vida literária enquanto tal, aos hábitos ou problemas dos escritores profissionais, editores e publicistas, que fazia com que seus amigos entre os homens de letras se sentissem pouco à vontade em sua presença. Aquele jovem oficial mundano e inteligente podia ser extremamente agradável; seu amor pela escrita era autêntico e muito profundo, mas, durante as reuniões literárias, ele se mostrava reservado, desdenhoso, difícil. Jamais sonharia em abrir o coração num meio que se dedicava a intermináveis confissões íntimas. Era inescrutável, altivo, desconcertante, arrogante e um pouco assustador. É verdade que já não levava mais a vida de um oficial aristocrático. Aquelas noites de orgia, que os jovens radicais encaravam com ódio e desprezo, considerando-as típicas dos hábitos dissolutos

da *jeunesse dorée* reacionária, já não o divertiam mais. Casara-se, assentara-se, amava sua mulher e, durante certo tempo, tornou-se um marido exemplar, ainda que ocasionalmente exasperante. Mas não se dava ao trabalho de esconder o fato de que sentia muito mais respeito por todas as formas da vida real, fosse a dos cossacos independentes no Cáucaso, ou a dos jovens oficiais da Guarda em Moscou, com suas corridas de cavalos, bailes e ciganas, do que pelo mundo dos livros, resenhas, críticas, professores, discussões políticas e conversas sobre ideais, opiniões e valores literários. Além do mais, Tolstoi era dogmático, briguento e às vezes inesperadamente rude. Em conseqüência seus amigos literários o tratavam com nervoso respeito e acabaram se afastando dele — ou talvez foi ele que os abandonou. Com exceção do poeta Fet, também um fidalgo rural, excêntrico e profundamente conservador. Tolstoi não tinha amigos íntimos entre os escritores de sua geração. É bem conhecida sua ruptura com Turgueniev. Mantinha-se ainda mais afastado dos outros *littérateurs*; gostavam mais de Nekrassov do que de sua poesia, mas na época Nekrassov era um editor de talento, que admirou e encorajou Tolstoi desde o início.

A percepção do contraste entre a vida e a literatura sempre perseguiu Tolstoi. Ela o fez duvidar de sua própria vocação de escritor. Como outros jovens russos de linhagem e fortuna, tinha plena consciência da terrível condição dos camponeses. A mera reflexão ou a denúncia pareciam-lhe um modo de se subtrair à ação. Devia agir, devia começar pelas suas próprias terras. Como os radicais do século XVIII, tinha plena convicção de que os homens nasciam iguais e eram levados à desigualdade pela criação. Abriu uma escola para os meninos de sua aldeia e, descontente com as teorias educacionais então em voga na Rússia, decidiu viajar ao exterior para estudar os métodos ocidentais na teoria e na prática. Tirou grande proveito de suas visitas à Inglaterra, França, Suíça, Bélgica e Alemanha, inclusive o título do maior de seus romances. No entanto, os diálogos que manteve com as mais destacadas autoridades ocidentais em educação e a observação de seus métodos convenceram-no de que estes eram, na melhor das hipóteses, inúteis, quando não perniciosos, para as crianças a que se aplicavam. Não permaneceu durante muito tempo na Inglaterra, e prestou pouca atenção a suas escolas “antiquadas”. Verificou que, na França, o ensino era quase inteiramente mecânico, decorado. Por exemplo, respondiam-se corretamente questões preparadas e listas de datas, por terem sido aprendidas de cor. Quando, porém, se perguntava às mesmas crianças algo relativo aos mesmos fatos, mas a partir de algum ângulo inesperado, freqüentemente davam respostas absurdas, demonstrando que seu conhecimento nada significava para elas. Aquele escolar que respondeu que o assassino de Henrique IV da França era Júlio César pareceu-lhe típico: o menino não entendia, nem se interessava pelos fatos que acumulara, e no máximo conseguira uma memorização mecânica.

A verdadeira sede da teoria era, porém, a Alemanha. As páginas que Tolstoi consagra a descrever o ensino e os professores da Alemanha antecipam e rivalizam com as famosas páginas de *Guerra e Paz*, onde caça impiedosamente dos admirados especialistas em outro campo — os estrategistas alemães a serviço do exército russo — a quem representa como beócios grotescos e pomposos.

No *Iasnaia Poliana*, jornal que editou por conta própria em 1861 e 1862, Tolstoi fala de suas visitas educacionais ao Ocidente e, como exemplo, faz um relato de arrepiar os cabelos (muitíssimo divertido, aliás) sobre os mais recentes métodos de alfabetização empregados por um especialista formado num dos mais avançados seminários de professores na Alemanha. Descreve o pedante mestre-escola, imensamente satisfeito consigo mesmo, no momento em que entra na sala de aula, e repara, com ar de aprovação, que as crianças estão sentadas às carteiras, submissas e obedientes, no mais profundo silêncio, conforme prescreviam as regras alemãs de comportamento. “Seu olhar percorre a sala de aula e já sabe o que é que eles devem entender; sabe disso e sabe do que são feitas as almas das crianças, e muito mais que aprendeu no seminário.” O professor empunha o mais recente e progressista livro de pedagogia, intitulado *Das Fischbuch*, que traz ilustrações de um peixe.

“O que é isso, caros meninos?” “Um peixe”, responde o mais esperto. “Não.” Ele não descansará enquanto algum aluno não disser que o que vêem não é um peixe, mas um livro. Já melhorou. “E o que este livro contém?” “Letras”, diz o menino mais ousado. “Não, não”, diz o mestre-escola com pesar, “você realmente *deve* pensar no que diz”. A essa altura, os meninos começam a se sentir irremediavelmente desmoralizados, pois não têm a menor noção do que devem responder. Têm a sensação confusa, perfeitamente correta, de que o mestre-escola quer que eles digam algo ininteligível, do tipo “o peixe não é um peixe”. Seja qual for a expectativa do professor, é algo que jamais lhes passará pela cabeça. Seus pensamentos começam a divagar. Imaginam — o que é muito tolstoiano — por que o professor usa óculos, por que olha através deles, em vez de tirá-los, e assim por diante. O professor exige que se concentrem, atormenta-os e tortura-os até conseguir levá-los a dizer que aquilo que vêem não é um peixe, mas uma ilustração. Depois de um pouco mais de tortura, os meninos afirmam que a ilustração representa um peixe. Se era isso que o professor queria que os alunos dissessem, não seria mais fácil, pergunta Tolstoi, obrigá-los a aprender de cor essa amostra de profunda sabedoria, em vez de atormentá-los com o método *Fischbuch* que, longe de fazê-los pensar “criativamente”, apenas os estupidifica?

As crianças verdadeiramente inteligentes sabem que suas respostas sempre estão erradas. Não sabem dizer por quê, apenas sabem que é assim. As burras, que de vez em quando dão as respostas corretas, ignoram por que estão

sendo elogiadas. Tudo o que o pedagogo alemão faz é enfiar material humano morto — ou melhor, seres humanos vivos — numa geringonça mecânica grotesca, inventada por loucos fanáticos, que acham que este é o modo de aplicar o método científico à educação dos homens. Tolstoi garante que seu relato, do qual citei apenas um curto fragmento, não é uma paródia, mas uma reprodução fiel do que viu e ouviu nas escolas avançadas da Alemanha e “naquelas escolas da Inglaterra que tiveram a sorte de adquirir esses maravilhosos [...] métodos”.

Desiludido, indignado, Tolstoi regressou à Rússia e começou ele mesmo a ensinar as crianças da aldeia onde tinha suas terras. Construiu escolas, continuou a estudar, a rejeitar e denunciar doutrinas pedagógicas correntes, publicou periódicos e folhetos, inventou novos métodos de aprendizado da geografia, zoologia e física; compôs todo um manual de aritmética de sua própria autoria, insurgiu-se contra todos os métodos de coerção, sobretudo os que consistiam em forçar as crianças a memorizar contra a vontade fatos, datas e números. Em resumo, comportou-se como um latifundiário do século XVIII, original, esclarecido, enérgico, opiniático e um tanto excêntrico, convertido às doutrinas de Rousseau ou do abade Mably. A exposição de suas teorias e experiências ocupa dois alentados volumes nas edições pré-revolucionárias de suas obras reunidas. Ainda são fascinantes, quando menos por conterem algumas das melhores descrições, tanto cômicas como líricas, da vida na aldeia e principalmente das crianças, que Tolstoi jamais escreveu. Redigiu-as nas décadas de 1860 e 1870, quando se encontrava no auge de suas capacidades criativas. Seu propósito didático preponderante fica num segundo plano, diante da percepção insuperável do padrão retorcido e ziguezagueante dos pensamentos e sentimentos das crianças aldeãs vistas em sua individualidade, e diante da maravilhosa concretude e imaginação com que ele apresenta sua linguagem, comportamento e a natureza física que as rodeia. Paralelamente a essa visão direta da experiência humana, apresentam-se os dogmas claros e firmes de um racionalista fanaticamente doutrinário do século XVIII: doutrinas que não se fundem com a vida por ele descrita, mas se superpõem a ela, como janelas de desenhos rigorosamente simétricos, que não se relacionam com o mundo para o qual se abrem, mas que, ainda assim, alcançam uma espécie de unidade artística e intelectual ilusória com esse mundo, devido à vitalidade sem peias e ao gênio construtivo da própria escrita. Trata-se de uma das mais notáveis realizações da história da literatura.

O inimigo é sempre o mesmo: especialistas, profissionais, homens que pretendem exercer uma autoridade especial sobre outros homens. As universidades e os professores constituem alvo freqüente de ataques. No seu romance autobiográfico anterior, já surgem sugestões a esse respeito, na seção intitulada “Juventude”. Há algo do século XVIII, que lembra Voltaire e Bentham, nas des-

crições demolidoras de Tolstoi sobre os professores incompetentes e enfadonhos e os estudantes desesperadamente entediados e subservientes na Rússia de sua época. O tom é incomum no século XIX: seco, irônico, didático, mordaz, ao mesmo tempo divertido e intimidador. O conjunto se apóia no contraste entre a harmoniosa simplicidade da natureza e as complicações autodestrutivas criadas pela malícia ou estupidez dos homens, dos quais o autor sente-se afastado, finge não entendê-los e zomba à distância.

Estamos diante dos primórdios de um tema que se tornou obsessivo na vida posterior de Tolstoi: a solução para todas nossas perplexidades salta-nos à vista, a resposta está em torno de nós, em todos os lugares, como a luz do dia, se simplesmente não fecharmos os olhos ou pararmos de olhar por toda a parte, exceto para o que está ali, à nossa frente, a verdade, clara, simples, irresistível.

A exemplo de Rousseau, Kant e os que acreditavam na lei natural, Tolstoi estava convicto de que os homens têm certas necessidades materiais e espirituais básicas, em todos os lugares e épocas. Se tais necessidades forem preenchidas, eles levarão vidas harmoniosas, que é o propósito de sua natureza. Os valores morais, estéticos, além de outros valores espirituais, são objetivos e eternos, e a harmonia interior do homem depende de sua relação correta com eles. Além disso, durante toda sua vida ele defendeu o postulado — que não se encarna em seus romances e esboços — de que os seres humanos são mais harmoniosos na infância do que sob as influências corruptoras da educação, em etapas posteriores da vida, e de que o povo simples (camponeses, cossacos etc.) tem uma atitude mais “natural” e correta perante esses valores básicos do que os homens civilizados, são livres e independentes num sentido que não se encontra nos homens civilizados. As comunidades camponesas — e nisso ele insiste repetidas vezes — têm condições de preencher suas próprias necessidades materiais e espirituais por seus próprios recursos, contanto que não sejam roubados ou escravizados por opressores e exploradores, ao passo que os homens civilizados, para sobreviver, precisam do trabalho forçado de outros — servos, escravos, as massas exploradas, denominadas ironicamente “dependentes”, pois são os seus senhores que dependem deles. Os senhores são os parasitas dos outros: degradam-se não só porque a escravização e a exploração dos outros é uma negação de valores objetivos como a justiça, a igualdade, a dignidade humana, o amor — valores que os homens anseiam realizar porque não podem deixar de fazê-lo, porque são homens —, mas devido à razão adicional, e para ele ainda mais importante, de que viver de bens roubados ou emprestados, e assim não ser auto-suficiente, falsifica os sentimentos e percepções “naturais”, corrói moralmente os homens e torna-os miseráveis e infelizes. O ideal humano é uma sociedade de homens livres e iguais, que vivem e pensam à luz do que é verdadeiro e certo, e portanto não estão em conflito mútuo ou

interior. É uma forma, aliás muito simples, da doutrina clássica do direito natural, em sua vertente liberal-anarquista, seja teológica ou secular. Tolstói aderiu a ela durante a vida inteira, tanto em seu período “secular” como depois de sua “conversão”. Seus primeiros contos expressam-no vividamente. Os cossacos Lukachka ou Tio Ierochka são moralmente superiores, mais felizes e esteticamente mais harmoniosos do que Olenin em *Os Cossacos*. Olenin sabe disso e, na verdade, é este o âmago da situação. Pierre em *Guerra e Paz*, e Levin em *Ana Karenina* percebem isso nos camponeses e soldados simples; o mesmo acontece com Nekhliudov em *A Manhã de um Latifundiário*. Essa convicção se apodera de Tolstói com uma intensidade cada vez maior, até obscurecer todas as demais questões em suas últimas obras. Sem ela, *A Morte de Ivan Ilich* e *Resurreição* são incompreensíveis.

O pensamento crítico de Tolstói gira constantemente em torno dessa idéia fundamental: o contraste entre a natureza e o artifício, a verdade e a invenção. Quando, por exemplo, na década de 1890 ele estabeleceu as condições de excelência na arte (numa introdução à tradução russa dos contos de Maupassant), exigiu de todos os escritores, em primeiro lugar, que tivessem suficiente talento e, em segundo, que os temas abordados fossem moralmente importantes. Finalmente, eles deveriam verdadeiramente amar (o que era digno de amor) e odiar (o que era digno de ódio) o que descreviam, “engajar-se”, conservar a visão moral direta da infância, não mutilar suas naturezas praticando uma imparcialidade e um distanciamento sempre ilusórios, auto-impostos e dilacerantes, ou ainda pior, partir para a perversão deliberada dos valores “naturais”. O talento não é concedido igualmente a todos os homens, mas todo mundo pode, caso tente, descobrir atributos eternos e imutáveis — o que é bom, o que é mau, o que é importante e o que é banal. Somente as teorias falsas, “construídas” ifudem os homens e escritores em relação a isso, e assim distorcem suas vidas e atividade criadora. Tolstói aplica seu critério literalmente, quase mecanicamente. Assim é que, de acordo com ele, Nekrassov abordava temas de profunda importância e possuía uma magnífica capacidade de escritor, mas sua atitude em relação aos camponeses sofrendores e aos idealistas massacrados permanecia fria e irreal. Os temas de que trata Dostoiévski de modo algum são destituídos de seriedade, e sua preocupação é profunda e autêntica, mas a primeira condição deixou de ser preenchida. Ele é difuso e repetitivo, não sabe dizer a verdade claramente e então parar. Por outro lado, Turgueniev é considerado um excelente escritor, e estabelece com seus temas uma relação real moralmente adequada. Fracassa, porém, quanto ao segundo requisito: os temas são por demais circunscritos e triviais, e isso nenhum grau de integridade ou capacidade pode compensar. O conteúdo determina a forma, nunca o contrário. Se o conteúdo é acanhado ou trivial demais, nada conseguirá salvar o trabalho do artista. Defender o contrário, isto é, acreditar na primazia da forma, significa

sacrificar a verdade, terminar produzindo obras que são produtos de mera invenção. Não existe palavra mais dura, em todo o vocabulário crítico de Tolstói, do que “construído”, indicando que o autor não imaginou ou vivenciou verdadeiramente, mas apenas “compôs”. “construiu” aquilo que tenta descrever.

Da mesma forma Tolstói declarava que Maupassant, cujos dons admirava enormemente, traía seu talento precisamente devido a esse tipo de teorias falsas e vulgares; ainda assim, permanecia um bom escritor, na medida em que, como Balaã — embora talvez tivesse pretendido amaldiçoar a virtude —, não conseguia deixar de discernir o que era bom. Essa percepção atraía seu amor para o bem e forçava-o, contra sua própria vontade, em direção à verdade. O talento é visão, a visão revela a verdade, a verdade é eterna e objetiva. Divisar a verdade sobre a natureza ou a conduta, enxergá-la tão direta e vividamente como apenas um homem de gênio, um ser humano simples ou uma criança podem vê-la, e em seguida negá-la ou falsificá-la a sangue frio, não importa em nome de quê, é monstruoso, antinatural, sintoma de um caráter profundamente doente.

A verdade é passível de ser descoberta. Segui-la significa ser bom, interiormente sólido e harmonioso. No entanto, é evidente que nossa sociedade não é harmoniosa ou composta de indivíduos internamente harmoniosos. Os interesses da minoria culta — conforme Tolstói denomina os professores, os barões e banqueiros — opõem-se aos da maioria — os camponeses, os pobres. Cada um dos lados é indiferente ou zomba dos valores do outro. Mesmo os que, como Olenin, Pierre, Nekhliudov e Levin, percebem o caráter espúrio dos valores dos professores, barões e banqueiros, e a decadência moral em que sua falsa educação os envolveu, mesmo os verdadeiramente contritos não conseguem, a despeito das pretensões eslavófilas, se identificar e se “fundir” com a massa do povo. Acaso serão excessivamente corruptos para nunca mais recuperarem sua inocência? Seu caso é irremediável? Ou será que os homens civilizados adquiriram (ou descobriram) certos valores próprios, valores que talvez os bárbaros e as crianças desconheçam, mas que eles, os civilizados, não podem perder nem esquecer, ainda que, por algum impossível meio, conseguissem se transformar em camponeses ou nos livres e felizes cossacos do Don e do Terek? Eis aí um dos problemas mais fundamentais e angustiantes da vida de Tolstói, ao qual volta repetidas vezes e fornece respostas conflitantes.

Tolstói sabe que pertence claramente à minoria dos barões, banqueiros e professores. Conhece bem demais os sintomas desse estado. Não pode, por exemplo, negar seu amor apaixonado pela música de Mozart ou Chopin, ou pela poesia de Tiutchev ou Puchkin, os frutos mais maduros da civilização. Necessita, não consegue passar sem a palavra impressa e toda a elaborada parafernália da cultura em que tais vidas são vividas e tais obras de arte são criadas. Mas de que serve Puchkin para meninos de aldeia, se suas palavras não são

inteligíveis para eles? Que real benefício a invenção da imprensa proporcionou aos camponeses? Dizem-nos, Tolstoi observa, que os livros educam as sociedades (“isto é, tornam-nas mais corruptas”), que foi a palavra escrita que promoveu a emancipação dos servos na Rússia. Tolstoi nega. O governo poderia ter feito o mesmo sem livros nem panfletos. *Boris Godunov* de Puchkin agrada apenas a ele, Tolstoi, mas para os camponeses nada significa. As conquistas da civilização? O telégrafo lhe transmite notícias sobre a saúde de sua irmã ou sobre as perspectivas do rei Oto 1 da Grécia, mas quais os benefícios que as massas obtêm com isso? No entanto, são elas que pagam e sempre pagaram por tudo, e sabem disso muito bem. Quando os camponeses matam os médicos, por ocasião dos “motins do cólera”, por considerá-los envenenadores, o que fazem é, sem dúvida, errado, mas esses assassinatos não são casuais. O instinto que revela aos camponeses quem são seus opressores é sólido, profundo, e os médicos pertencem àquela classe. Quando Wanda Landowska tocou para os aldeões de Iasnaia Poliana, a grande maioria não se sensibilizou. No entanto, pode-se duvidar de que são as pessoas simples que levam as vidas menos divididas, incomensuravelmente superiores às vidas deformadas e atormentadas dos ricos e dos instruídos?

O povo, afirma Tolstoi em seus primeiros ensaios educacionais, é auto-subsistente, não só no plano material, como também no espiritual. A canção folclórica, a *Ilíada*, a Bíblia nascem dele e, portanto, são inteligíveis para todos os homens, em todos os lugares, o que não é o caso do maravilhoso poema *Silentium*, da autoria de Tiutchev, de *Don Giovanni* ou da *Nona Sinfonia*. Se existe um ideal do homem, ele não se situa no futuro, mas no passado. Outra vez existiu o Jardim do Éden e nele habitava a criatura humana ainda não corrompida, como a Bíblia e Rousseau concebiam. Houve então a queda, a corrupção, o sofrimento, a falsificação. É mera cegueira — e Tolstoi afirma isso repetidas vezes — acreditar, como os liberais e socialistas, que a Idade do Ouro ainda se encontra diante de nós, que a história é o relato do progresso, que os avanços materiais na ciência natural ou nas capacidades materiais coincidem com um verdadeiro avanço moral. A verdade é o inverso disso.

A criança se encontra mais próxima da harmonia ideal do que o homem adulto, e o camponês simples mais perto do que os parasitas autodestrutivos, dilacerados, “alienados”, desarvorados moral e espiritualmente, que formam a elite civilizada. É dessa doutrina que nasce o notável antiindividualismo de Tolstoi e, sobretudo, seu diagnóstico da vontade individual como fonte da direção errada e da perversão das tendências humanas “naturais”. Daí a convicção, largamente derivada da doutrina de Schopenhauer, de que a vontade é fonte de frustração, que o planejamento, a organização, a confiança na ciência, a tentativa de criar padrões racionais de vida, em harmonia com teorias racionais, significam nadar contra a corrente da natureza, fechar os olhos à verdade

salvadora que se encontra dentro de nós, distorcer os fatos para encaixá-los em esquemas artificiais e distorcer os seres humanos para enquadrá-los em sistemas sociais e econômicos contra os quais suas naturezas se rebelam. É igualmente da mesma fonte que emana o reverso disso: a fé que Tolstoi deposita numa direção das coisas intuitivamente apreendida como algo não apenas inevitável, mas objetiva e providencialmente bom. Daí decorre a crença na necessidade de submeter-se a ela, daí decorre seu quietismo.

É este um dos aspectos de seus ensinamentos. Trata-se da idéia mais conhecida e fundamental do movimento tolstoiano, atravessa toda sua obra, de ficção crítica ou didática, desde *Os Cossacos* e *A Felicidade em Família* até seus derradeiros panfletos religiosos. É a doutrina condenada pelos liberais e marxistas. Imbuído desse espírito, Tolstoi sustenta que imaginar que as personalidades históricas determinam os acontecimentos não passa de uma demonstração de colossal megalomania e auto-ilusão. Sua narrativa pretende apontar a insignificância de Napoleão ou do czar Alexandre, da sociedade burocrática e aristocrática em *Ana Karenina*, ou dos juizes e personalidades oficiais em *Ressurreição*, bem como o vazio e a impotência intelectual dos historiadores e filósofos que tentam explicar os acontecimentos empregando conceitos como o “poder” atribuído aos grandes homens, ou a “influência” imputada a escritores, oradores, pregadores. São palavras, abstrações que, em sua opinião, nada explicam, são muito mais obscuras do que os fatos que se propõem a explicar. Ele sustenta que não entendemos e, por conseguinte, não podemos explicar nem analisar o que significa deter autoridade ou força, influenciar, dominar. Explicações que não explicam são, para Tolstoi, sintomas do intelecto hipertrofiado e destruidor, faculdade que destrói a inocência e leva a falsas idéias e à ruína da vida humana.

É essa tendência, inspirada em Rousseau e presente no primeiro romantismo, que inspirou o primitivismo na arte e na vida, e não só na Rússia. Tolstoi imagina que ele e outros conseguirão encontrar o caminho que conduz à verdade sobre a conduta das pessoas observando as pessoas simples e estudando os Evangelhos.

A sua outra tendência está em oposição direta a esta. Mikhailovski afirma, com inteira justiça, que Olenin, encantado com o Cáucaso e o idílio cossaco, não pode se transformar num Lukachka e retornar à harmonia infantil, que no seu caso há muito se rompeu. Levin sabe que, se tentasse se transformar num camponês, não passaria de uma farsa grotesca, que os camponeses seriam os primeiros a perceber e a zombar; ele, Pierre e Nikolai Rostov sabem obscuramente que, num certo sentido, eles têm algo a dar que os camponeses não têm. Tolstoi diz ao leitor instruído que o camponês:

precisa daquilo que lhe proporcionou a sua vida de dez gerações que não foram esmagadas pelo trabalho duro. Você teve suficiente lazer para procurar, pensar, sofrer — dê-lhe então aquilo pelo que você sofreu; ele precisa disso [...] não sepulte na terra o talento que a história lhe proporcionou. [...]

O lazer não precisa, portanto, ser simplesmente destrutivo. O progresso pode ocorrer: podemos aprender com o que aconteceu no passado, o que não se dá com aqueles que viveram nesse mesmo passado. É verdade que vivemos numa ordem injusta, mas isso, em si, cria obrigações diretas. Os que são membros da elite civilizada, tragicamente apartados da massa do povo, têm o dever de tentar recriar a humanidade massacrada, parar de explorá-la, proporcionar ao povo aquilo de que ele mais necessita — instrução, conhecimento, ajuda material, condições de viver uma vida melhor. Levin em *Ana Karenina*, conforme Mikhailovski observa, continua a partir de onde Nikolai Rostov, em *Guerra e Paz*, parou. Eles não são quietistas e, no entanto, o que fazem é correto. A emancipação dos camponeses, segundo a concepção de Tolstói, embora não tivesse ido suficientemente longe, era assim mesmo um ato de vontade, de boa vontade, da parte do governo. Agora se faz necessário ensinar os camponeses a ler, escrever, aprender as regras da aritmética, algo que não conseguem fazer por si mesmos, e equipá-los para o uso da liberdade. Não posso me fundir na massa de camponeses, mas pelo menos posso usar o fruto de um lazer injustamente obtido por mim e por meus antepassados — minha educação, conhecimento, capacidades — a fim de beneficiar aqueles cujo trabalho tornou isso possível.

Esse é o talento que não posso enterrar. Preciso trabalhar a fim de promover uma sociedade justa, de acordo com todos aqueles padrões objetivos que todos os homens, com exceção dos irremediavelmente corruptos, vêem e aceitam, quer vivam por eles ou não. Os simples conseguem enxergá-los com maior clareza, os rebuscados com maior imprecisão, mas todos os homens conseguirão vê-los, se acaso tentarem; na verdade, ser capaz de divisá-los faz parte daquilo que significa ser um homem. Quando se comete uma injustiça, tenho a obrigação de me manifestar e reagir contra ela, e os artistas, não mais do que os outros, não podem ficar de braços cruzados. O que faz a excelência dos bons escritores é a capacidade de enxergar a verdade, social e individual, material e espiritual, e apresentá-la de modo que se torne impossível se esquivar a ela. Tolstói afirma que Maupassant, por exemplo, está fazendo exatamente isso, apesar de si mesmo e de suas falácias estéticas. Porque é um ser humano corrupto, ele pode tomar o partido do mau contra o bom, e escrever a respeito de um indigno sedutor de Paris com simpatia maior do que a que sente por suas vítimas. Mas, contanto que diga a verdade a um nível suficientemente profundo — e todos os homens de talento não podem deixar de fazê-

lo —, ele defrontará o leitor com questões morais fundamentais, quer tencione ou não, às quais o leitor não pode se subtrair nem respondê-las sem uma auto-análise rigorosa e dolorosa.

Isso, para Tolstói, abre o caminho que leva à regeneração, e é a função propriamente dita da arte. A vocação, o talento, é a obediência a uma necessidade interior: preenchê-la é o objetivo e o dever do artista. Nada é mais falso do que a visão do artista como um provedor, um artesão cuja única função é criar algo belo, conforme sustentam Flaubert, Renan ou Maupassant.<sup>2</sup> Existe uma única meta humana, e a ela estão sujeitos todos os homens, latifundiários, médicos, barões, professores, banqueiros, camponeses: dizer a verdade e ser guiado por ela na ação, isto é, fazer o bem e persuadir os outros a fazê-lo. O fato de que Deus existe, a *Iliada* é bela ou que os homens têm o direito de serem livres e iguais são verdades eternas e absolutas. Assim sendo, precisamos persuadir os homens a ler a *Iliada*, e não romances franceses pornográficos, a trabalhar em prol de uma sociedade igualitária, e não a favor de uma hierarquia teocrática ou política. A coerção é um mal; os homens sempre souberam que isso é verdade; precisam, portanto, trabalhar por uma sociedade onde não existam guerras, prisões, execuções em quaisquer circunstâncias, quaisquer que sejam os motivos, por uma sociedade onde a liberdade individual exista em grau máximo. Seguindo seus próprios caminhos, Tolstói chegou a um programa de anarquismo cristão que tinha muito em comum com o dos populistas russos. Excetuando o socialismo doutrinário destes últimos, sua crença na ciência e a fé nos métodos do terrorismo, a postura de Tolstói tinha muito em comum com eles. Agora o que ele mostrava defender era um programa de ação, e não de passividade; tal programa estava subjacente à reforma educacional que tentava levar adiante. Ele se empenhava em descobrir, coligar, expor verdades eternas, despertar o interesse espontâneo, a imaginação, o amor, a curiosidade das crianças ou das pessoas comuns; acima de tudo, queria libertar suas forças morais, emocionais e intelectuais "naturais". Não duvidava, como tampouco Rousseau, que tais forças permitiriam atingir a harmonia entre e dentro dos homens, contanto que eliminássemos tudo o que pudesse mutilá-los, tolhê-los e matá-los.

Esse programa — possibilitar o livre desenvolvimento de todas as faculdades humanas — apóia-se num grande pressuposto: o de que existe pelo menos uma trilha de desenvolvimento onde tais faculdades não entrarão em conflito umas com as outras, nem se desenvolverão desproporcionalmente. É uma via segura, que conduz à harmonia completa, onde tudo se adequa e se encontra em paz. O corolário é que o conhecimento da natureza do homem, obtido a partir da observação, da introspecção, da intuição moral ou ainda do estudo das vidas e textos dos melhores e mais sábios homens de todas as épocas, poderá nos mostrar esse caminho. Este não é o lugar para examinar

até que ponto a doutrina é compatível com antigos ensinamentos religiosos ou com a moderna psicologia. O ponto que quero enfatizar é que se trata, acima de tudo, de um programa de ação, uma declaração de guerra contra os valores sociais correntes, contra a tirania dos Estados, sociedades, igrejas, contra a brutalidade, a injustiça, a estupidez, a hipocrisia, a fraqueza e principalmente contra a vaidade e a cegueira moral. Um homem que se bateu com bravura nessa guerra expiará, graças a ela, o pecado de ter sido um hedonista e um explorador, filho e beneficiário de ladrões e opressores.

Era nisso que Tolstoi acreditava, apregoava e praticava. Sua "conversão" alterou sua idéia sobre o que era bom e o que era mau, e não enfraqueceu sua fé na necessidade de ação. Sua crença nos próprios princípios jamais vacilou. O inimigo entrava por outra porta: o sentido de realidade em Tolstoi era por demais inexorável para não abrigar dúvidas torturantes sobre como esses princípios deveriam ser aplicados, independentemente do quanto fossem verdadeiros. Embora *eu* acredite que algumas coisas sejam belas ou boas, e outras feias e más, que direito tenho *eu* de instruir outras pessoas à luz de minhas convicções, quando sei que não posso deixar de gostar de Chopin e Maupassant, ao passo que essa gente tão melhor do que eu — camponeses e crianças — não gosta deles? Terei eu, que me situo no final de um longo período de elaboração, de gerações de uma vida civilizada e artificial —, terei eu o direito de tocar as almas *deles*?

Procurar influenciar alguém é engajar-se num empreendimento moralmente suspeito. Isso é óbvio, no caso de uma crua manipulação de um homem por outro, mas, em princípio, isso se aplica igualmente à educação. Todos os educadores procuram moldar as mentes e as vidas dos educandos, em direção a uma determinada meta ou à semelhança de um determinado modelo. Mas se nós, membros sofisticados de uma sociedade profundamente corrupta, somos infelizes, desarmoniosos, perdidos, o que estamos fazendo, senão tentando modificar as crianças que nasceram saudáveis, impingindo-lhes nossa doentia semelhança, tornando-as aleijadas como nós? Somos o que nos tornamos, não podemos evitar nosso amor pelos versos de Puchkin ou pela música de Chopin, e descobrimos que as crianças e os camponeses os acham incompreensíveis ou tediosos. O que fazemos? Insistimos, "educamos", até que eles pareçam apreciar essas obras ou, pelo menos, percebam por que nós as apreciamos. O que temos feito? Achamos belas as obras de Mozart e Chopin unicamente porque eles próprios eram filhos de nossa cultura decadente e, portanto, suas criações falam a nossas mentes doentes; mas que direito temos de infeccionar os outros, de torná-los tão corruptos quanto nós? Podemos ver as falhas de outros sistemas. Podemos notar com enorme clareza o quanto a personalidade humana é destruída pela insistência protestante na obediência, pela ênfase católica na emulação, pelo apelo ao interesse por si mesmo e à importância da posição

ou nível social em que, segundo Tolstoi, baseia-se a educação russa. Não seria então uma monstruosa arrogância ou uma contumaz incoerência comportarmos-nos como se nossos sistemas de educação preferidos — algo recomendado por Pestalozzi, ou o método lancasteriano, sistemas que simplesmente refletem as personalidades civilizadas, e conseqüentemente pervertidas, de seus inventores — fossem necessariamente superiores, ou menos destrutivos, do que aquilo que condenamos tão prontamente e com tanto acerto, no que se refere aos franceses superficiais ou aos alemães tolos e enfatuados?

Como evitá-lo? Tolstoi repete as lições de *Émile* de Rousseau: somente a natureza nos salvará. Precisamos tentar entender o que é "natural", espontâneo, incorrupto, profundo, em harmonia consigo e com os outros objetos do mundo; precisamos abrir caminhos para o desenvolvimento de acordo com essa orientação; não devemos pretender alterar, forçar num molde. Precisamos dar ouvidos às prescrições de nossa natureza original sufocada, e não encará-la como simples matéria-prima à qual imporemos nossas personalidades únicas e nossas vontades poderosas. Desafiar, agir como Prometeu, criar metas e construir mundos em oposição ao que nosso senso moral sabe serem verdades eternas, concedidas de uma vez por todas a todos os homens, em virtude das quais eles são homens e não animais — eis aí o monstruoso pecado do orgulho, cometido por todos os reformadores, todos os revolucionários, todos os homens tidos como grandes e competentes. E não deixam de cometer esse pecado os funcionários do governo, os fidalgos do campo que, por convicção liberal, simples capricho ou tédio, interferem na vida dos camponeses.<sup>3</sup> Não ensine; aprenda. É este o sentido do ensaio de Tolstoi, escrito há quase cem anos. "Quem deveria aprender a escrever com quem? Os filhos dos camponeses deveriam aprender conosco ou nós deveríamos aprender com eles?" É igualmente o sentido de todos os relatos publicados nas décadas de 1860 e 1870, escritos com o habitual frescor, atenção aos detalhes e insuperável capacidade de percepção direta, onde ele dá exemplos de contos escritos por crianças de sua aldeia e refere-se ao respeito que sentiu na presença de um ato de pura criação, no qual, garante-nos, não tomou parte. Se ele os "corrigisse", esses contos sairiam apenas prejudicados; parecem-lhe muito mais profundos do que qualquer obra de Goethe. Tolstoi explica o quanto eles o deixaram profundamente envergonhado com sua própria superficialidade, vaidade, estupidez, estreiteza, falta de senso moral e estético. É apenas facilitando o avanço das crianças e dos camponeses em seu próprio caminho instintivo que se pode ajudá-los. Dirigir é pôr a perder. Os homens são bons e precisam apenas de liberdade para concretizar sua bondade.

"A educação", escreve Tolstoi em 1862, "é a ação exercida por um homem sobre outro com a finalidade de levar essa pessoa a adquirir certos hábitos morais (dizemos: criaram-no para ser um hipócrita, um ladrão ou um

homem de bem. Os espartanos criavam homens corajosos, os franceses criam pessoas parciais e satisfeitas com elas mesmas)". Isso, porém, é falar dos seres humanos — e usá-los — simplesmente como a matéria-prima que modelamos; é isso que significa "criar" alguém para ser desta ou daquela maneira. Estamos evidentemente prontos a alterar a direção seguida espontaneamente pelas almas e vontades dos outros, a negar sua independência — mas em favor de quê? De nossos valores corruptos, falsos ou, na melhor das hipóteses, incertos? Isto, porém, sempre envolve algum grau de tirania moral. Tolstói, num momento descontrolado de pânico, imagina se o motivo último do educador não é a inveja, pois a raiz da paixão que ele sente por sua tarefa é a "inveja da pureza da criança e o desejo de torná-la como ele, isto é, mais corrupta". Em que tem consistido toda a história da educação? Todos os filósofos da educação, de Platão a Kant, se empenharam por um objetivo: "libertar a educação da opressão dos grilhões do passado histórico". Querem "adivinhar quais as necessidades dos homens e, em seguida, construir suas novas escolas de acordo com aquilo que, mais ou menos corretamente, imaginam que seja". Livraram-se de um jugo apenas para pôr outro em seu lugar. Certos filósofos escolásticos insistiam no grego por ser a língua de Aristóteles, que conhecia a verdade. No entanto, prossegue Tolstói, Lutero negou a autoridade dos padres da Igreja e insistiu em inculcar o hebraico original, pois sabia que era a língua por meio da qual Deus revelara as verdades eternas aos homens. Bacon voltou-se para o conhecimento empírico da natureza, e suas teorias contradiziam as de Aristóteles. Rousseau proclamou sua fé na vida, tal como a concebia, e não nas teorias.

No entanto todos eles concordavam num ponto: era preciso livrar os jovens do despotismo cego dos velhos. Cada um deles substituiu imediatamente tal despotismo por seu próprio dogma fanático e escravizante. Se tenho certeza de que conheço a verdade e que tudo mais é um erro, bastará isso para me capacitar a supervisionar a educação de outra pessoa? Bastará essa certeza? Discordará ela ou não das certezas dos outros? Com que direito levanto um muro em torno do aluno, excluo todas as influências externas e tento moldá-lo conforme achar melhor, de acordo com minha imagem ou de outrem?

Tolstói afirma apaixonadamente aos progressistas que a resposta a esta pergunta deve ser "sim" ou "não". "Se for 'sim', então a sinagoga dos judeus, a escola dominical, têm um direito tão legítimo de existir quanto todas nossas universidades." Ele declara não ver diferença moral, pelo menos em princípio, entre o latim obrigatório das instituições tradicionais e o materialismo obrigatório com o qual os professores radicais doutrinam suas platéias cativas. Algo haverá a se dizer em favor das coisas que os liberais se comprazem em denunciar: por exemplo, a educação no lar. No entanto, é sem dúvida natural que os pais desejem que seus filhos se assemelhem a eles. Apresenta-se nova-

mente o argumento em favor de uma educação religiosa, pois é natural que os crentes queiram salvar os demais seres humanos daquilo que não duvidam ser a condenação eterna. Do mesmo modo, o governo é autorizado a formar homens, pois a sociedade não pode sobreviver sem algum tipo de governo, e os governos não podem existir sem alguns especialistas qualificados que os sirvam.

Mas qual é a base da "educação liberal" nas escolas e universidades, compostas de homens que nem sequer alegam ter certeza de que o que ensinam é verdade? O empirismo? As lições da história? A única lição que a história nos ensina é que todos os sistemas educacionais prévios revelaram ser despotismos baseados em falsidades e, mais tarde, severamente condenados. Por que o século XX não encararia a nós, do século XIX, com o mesmo desprezo e divertimento com que hoje encaramos as escolas e universidades medievais? Se a história da educação é simplesmente a história da tirania e do erro, que direito teremos nós de levar adiante essa farsa abominável? E se nos disserem que as coisas sempre foram assim, que nada é novo, que não podemos evitá-lo e precisamos agir da melhor forma possível, isso não equivaleria a dizer que os assassinatos sempre aconteceram, de modo que podemos perfeitamente continuar a assassinar, embora agora tenhamos descoberto o que leva os homens a matar?

Em tais circunstâncias, seríamos ignóbeis se, pelo menos, não disséssemos simplesmente o seguinte: visto que, ao contrário do papa, de Lutero ou dos positivistas modernos, não pretendemos basear nossa educação — ou outras formas de interferência sobre os seres humanos — no conhecimento da verdade absoluta, pelo menos devemos parar de torturar os outros em nome daquilo que não sabemos. Tudo o que podemos saber com certeza é o que os homens querem na realidade. Tenhamos pelo menos a coragem de admitir nossa ignorância, nossas dúvidas e incertezas. Pelo menos podemos tentar descobrir do que os outros, crianças e adultos, precisam, removendo os antolhos da tradição, do preconceito e do dogma, possibilitando a nós mesmos conhecermos os homens como eles verdadeiramente são, ouvindo-os com cuidado e compreensão, entendendo-os, bem como a suas vidas e necessidades, um a um, individualmente. Tentemos pelo menos proporcionar-lhes aquilo que pedem, deixando-os tão livres quanto possível. Demos a eles uma *Bildung* (Tolstói apresenta um equivalente russo para esse termo, enfatizando com orgulho que não existe algo que se compare em francês ou inglês), isto é, procuremos influenciá-los através do preceito e do exemplo de nossas próprias vidas; não apliquemos, porém, a "educação" a eles, que é essencialmente um método de coerção e destrói aquilo que há de mais natural e sagrado no homem — a capacidade de conhecer e agir por si, em concordância com o que ele julga ser a verdade e o bem, o poder e o direito de direcionar a si mesmo.

Tolstói, porém, não pode deixar as coisas ficarem nesse ponto, como muitos liberais tentaram fazer. Surge imediatamente uma interrogação: como conseguiremos deixar o escolar e o estudante livres? Sendo moralmente neutros? Transmitindo apenas um conhecimento fático e deixando de lado doutrinas éticas, estéticas, sociais ou religiosas? Colocando os “fatos” diante do aluno e deixando-o chegar às próprias conclusões, sem procurar influenciá-lo em qualquer direção, por medo de contagiá-lo com nossas visões doentes? Acaso seria realmente possível que essas comunicações neutras ocorram entre os homens? Não será toda comunicação humana uma impressão consciente ou inconsciente de um temperamento, de uma atitude para com a vida, de uma escala de valores, exercida sobre outro temperamento? Serão os homens tão profundamente isolados uns dos outros que o cuidado de evitar tudo o que ultrapasse o mínimo grau de interação social os deixará imaculados, absolutamente livres para enxergarem a verdade e a falsidade, o bem e o mal, a beleza e a fealdade exclusivamente com seus próprios olhos? Não se trata de uma concepção absurda — absurda mesmo no mundo de Tolstói, em sua meia-idade — dos indivíduos como criaturas que podem se manter puras de todas as influências sociais, mesmo sem os novos conhecimentos sobre os seres humanos que adquirimos hoje, como resultado do empenho dos psicólogos, sociólogos e filósofos? Vivemos numa sociedade degenerada. Apenas os puros podem nos salvar. Mas quem educará os educadores? Quem é suficientemente puro para saber ou ser capaz de curar nosso mundo ou quem quer que se encontre nele?

Entre esses pólos — de um lado os fatos, a natureza, o que é, de outro o dever, a justiça, o que deveria ser; de um lado a inocência, de outro a educação; entre as exigências da espontaneidade e as da obrigação, entre a injustiça de coagir os outros e a injustiça de deixá-los seguir seu próprio caminho, Tolstói debateu-se e oscilou durante toda a vida. E não apenas ele, mas todos aqueles populistas, socialistas e estudantes idealistas que, na Rússia, “foram ao povo” e não conseguiam decidir se iam ensinar ou aprender, se o “bem do povo”, pelo qual estavam dispostos a sacrificar suas vidas, era o que “o povo” desejava de fato ou algo que apenas os reformadores sabiam ser bom para “o povo”, que deveria desejar — ou desejaria se fosse tão instruído e sábio quanto seus paladinos —, mas de fato, envolvido pelas trevas, freqüentemente desdenhava e resistia com violência.

Tais contradições e o implacável reconhecimento de seu fracasso em reconciliá-las ou modificá-las dão, num certo sentido, um significado especial à vida de Tolstói e às páginas didáticas e moralmente angustiadas de sua arte. Ele rejeitou categoricamente as concessões e os álibis de seus contemporâneos liberais como pura fraqueza e evasão. Ainda assim, acreditava que deveria existir uma solução definitiva para os problemas da aplicação dos princípios de Cristo, embora nem ele, nem mais ninguém a tivesse descoberto inteira-

mente. Ele rejeitou a própria possibilidade de que algumas das **tendências** e metas a que se refere fossem **literalmente reais e incompatíveis**. **Historicismo versus responsabilidade moral, quietismo versus o dever de resistir ao mal, uma ordem teleológica ou causal contra o jogo do acaso e da força irracional; a harmonia espiritual, a simplicidade, a massa do povo, de um lado, e, de outro, a irresistível atração da cultura das minorias e de sua arte; a corrupção da parcela civilizada da sociedade de um lado e, do outro, seu dever direto de elevar a massa do povo até seu próprio nível; o dinamismo e a influência falsificadora da fé apaixonada, simples, unilateral, em oposição à percepção clarividente dos fatos complexos e da inevitável fraqueza na ação, que decorre de um ceticismo esclarecido** — todas essas tensões estão em plena atividade no pensamento de Tolstói. Sua concordância com elas surge como uma série de incoerências em seu sistema, pois pode ser que os conflitos existam de fato e levem a um confronto na vida real.<sup>4</sup> Tolstói é incapaz de suprimir, falsificar ou atenuar qualquer verdade, referindo a níveis dialéticos ou “mais profundos” do pensamento, quando ela se lhe apresenta, independentemente do que isso acarreta, onde leva, o quanto destrói aquilo em que ele mais intensamente quer acreditar. Todo mundo sabe que Tolstói colocava a verdade acima de todas as virtudes. Outros também assim fizeram e a celebraram de modo não menos memorável. Tolstói situa-se, porém, entre os poucos que realmente conquistaram esse raro direito, pois sacrificou no altar da verdade tudo o que possuía: a felicidade, a amizade, o amor, a paz, a certeza moral e intelectual e, no final, a própria vida. Tudo o que essa verdade lhe deu em troca foi a dúvida, a insegurança, o autodesprezo e contradições insolúveis.

Nesse sentido, embora repudiasse violentamente tal afirmativa, ele é um mártir e um herói, talvez o mais generosamente dotado, na tradição do Iluminismo europeu. Pode parecer um paradoxo, mas toda sua vida atesta o projeto de negação daquilo a que consagrou seus últimos anos: que a verdade raramente é de todo simples, clara ou tão óbvia como às vezes pode parecer aos olhos do observador comum.